

Acima de tudo, os filhos saíam para o campo» na escola imaginária de estar, solta minutos à tarde. As férias, anu Biswas transpõe a bicicleta deira pegando em fila ao seu enc Imperador. — Cuidado, Savi. nhos irmãos nunca pesa que se farta. Como não, hoje fizeram muita lã? Chegou e entrava na sala de estar no pre tra em puxava o autoclismo na casa. perguntou-lhe: — Então, vieste a pé com teu cavalo na cascata? Shama amuou.

— Tenho que te comprar um cachorro. Anand, Savi, Myna! Venham cantar para a vossa mãe.

Pássaro de fogo

E as crianças cantaram. E quando os pastores velavam seus rebanhos. Mas o persistente abatimento de Shama derrotá-los a todos. Esse Natal, o primeiro juntos, tornou-se ainda mais memorável de tanto amuo de Shama. Não podia haver geladeira, tinha frigorífico, mas fez o que pôde para a festa num Natal da Casa Hanuman. Enhou-se cedo e esperou que a fossem bem. Tulsí. Pôs uma toalha branca na mesa e sobre nozes, tâmaras e maçãs vermelhas. Cozinhou vagantes. Fez tudo meticulosamente, mas não ar de mártir. — Até parece que estás de comentou Mr. Biswas. E no seu dia, um do repórter, igualmente do *Sentinel*, que esse tão do pai, como mais um exercício de praticar a escrita sem tema, Anand viu o pior dia de Natal que já passei. A vocação literária do diário, por isso, Oliver Twist na casa de com. Mas Shama não deu a

Depressa, fez o que recebeu e encheu-se de irmãs.

Pássaro de fogo

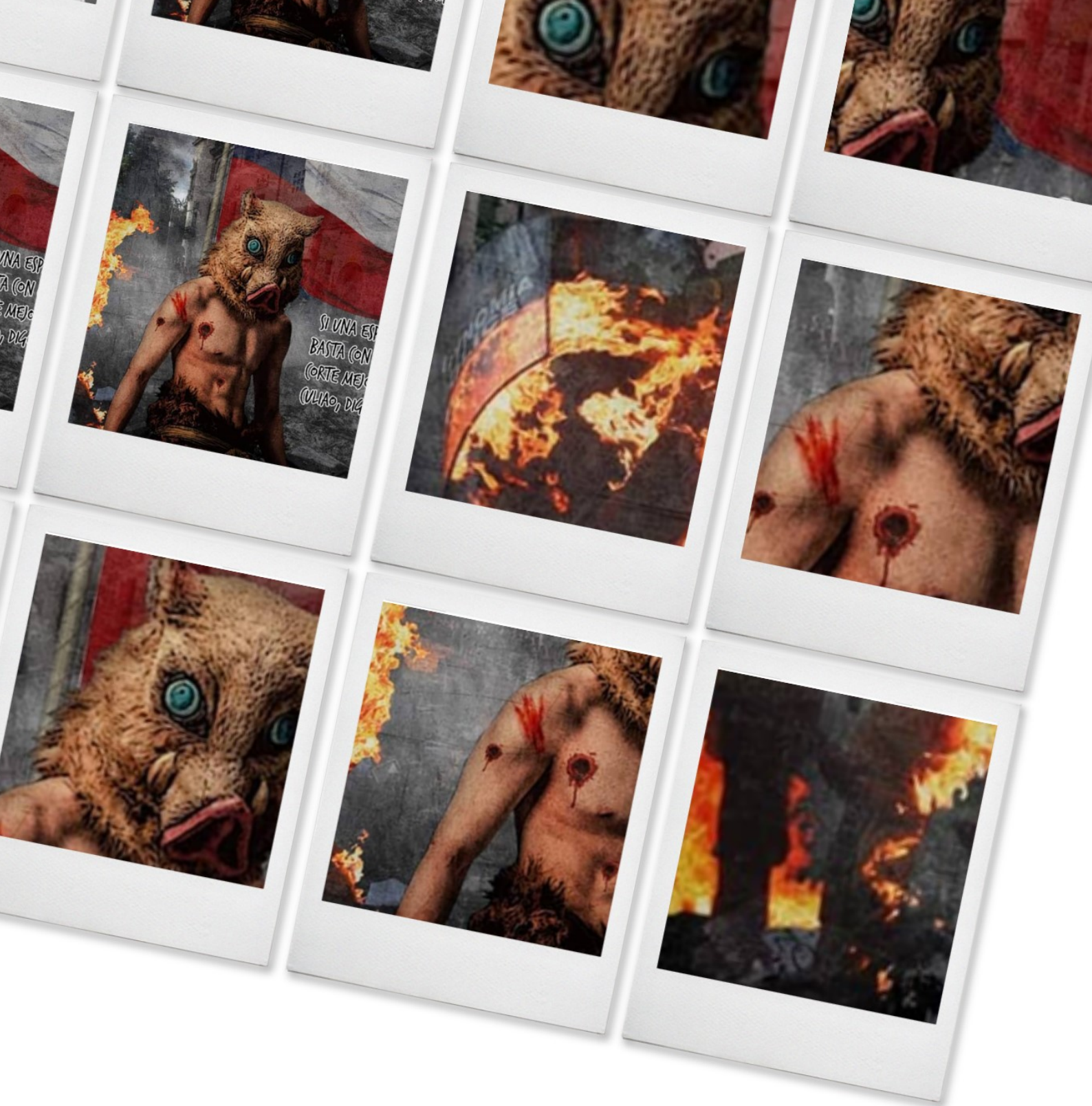
Romy Riq | Alberto Cinza

Texto criado expressamente
por Alberto Cinza para um
conjunto de ilustrações
gentilmente cedidas pela
Mulher-Pássaro, Romy Riq.



Setembro 2020

Colecção Mano-a-Mano, II



Numa noite qualquer pode dar-se
um incêndio.

O rastilho pode ser uma de várias coisas: um cigarro mal apagado, um fio descarnado, óleo demasiado quente, um coração oprimido num peito estreito, que respira com dificuldade.

A dificuldade em respirar tem causas tão diversas como o incêndio.

São ambas coisas que surgem de forma inesperada, como salteadores na estrada, ou que se anunciam em potência num momento longínquo, sob a forma de indícios legíveis.

É fastidioso enumerar causas. Basta que se saiba que podem ser de diversas ordens e que se reconheça que os seus efeitos podem ser devastadores ou libertadores.

E nem vale a pena começar a estabelecer as ligações, que existem, entre destruição e libertação.



Portanto numa noite qualquer pode dar-se um incêndio.

Não precisa sequer de ser muito grande. Uma pequena chama pode alastrar, invocar outras chamas de igual dimensão e, todas juntas, podem devastar uma cidade.

Num incêndio podem ver-se imagens, como se vêem nas nuvens.

São ambos, chama e nuvem, da ordem do etéreo. Rostos, contornos de animais, linhas costeiras de continentes, antigos demónios e anjos novos, um espelho instável do mundo.



Pode ver-se até
o próprio rosto,
ainda que
transformado.

Uma mulher pode ver-se diante de um incêndio e descobrir na dança das chamas um espelho que lhe devolve o reflexo do seu novo rosto, aquele que ainda não sabia que tinha.

Ali de pé diante das chamas que crescem pode esticar os braços e deixar que o fogo lhe envolva as mãos. Oferece riscos, mas há fogos e fogos, mulheres e mulheres.

À mão segue-se
o braço,
o pé,
a perna,
o tronco.



Por fim a cabeça, o cabelo incendiado. Sai do outro lado, nova e nua. Atravessou incólume o fogo, como outros atravessaram sem mazelas os desertos mais extensos, mais secos, onde a morte espera sem impaciência.

O chão sob os seus pés é também ele novo, um continente por explorar.

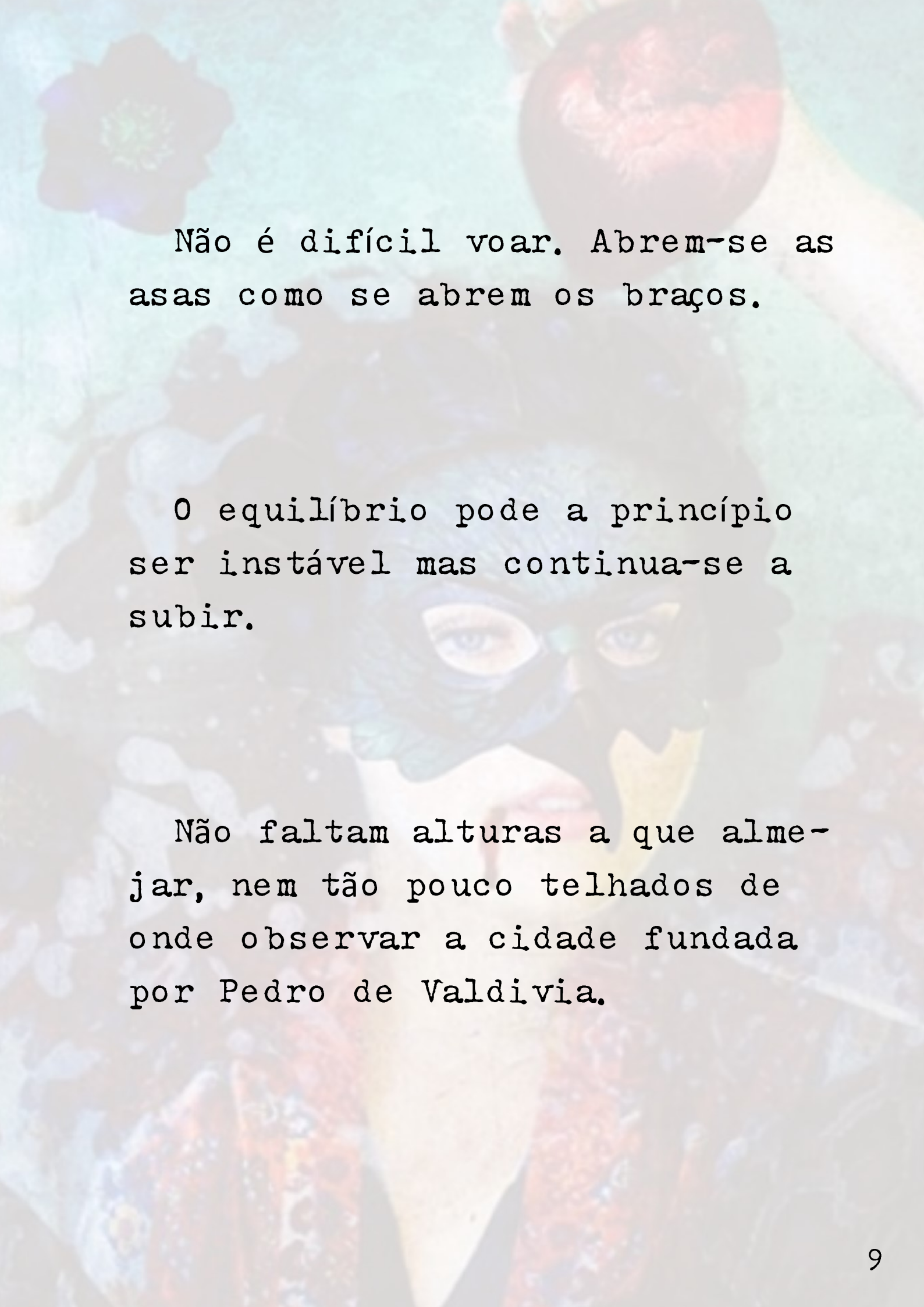
A mulher que emerge das chamas
tem o mesmo nome, o mesmo rosto.



Mas nas suas costas começa a
despontar um par de asas, uma
exuberante plumagem que só vai
crescer e crescer, em dimensão e
luxuriante cor.

Lembra-se do seu nome mas já não se reconhece nele. Pelo menos não inteiramente. Vai guardá-lo junto a si, no peito, no coração, na boca do estômago. Mas vai ter de adoptar um outro nome se quer fazer aquilo que tem a fazer.

Anima-se com um novo propósito, as chamas ainda a lambe-lhe a pele como o vestígio de uma carícia. São mil dedos ardentes que a empurram com gentileza, que a fazem mover um pé após o outro, que a ajudam a suportar o novo peso das asas.



Não é difícil voar. Abrem-se as
asas como se abrem os braços.

O equilíbrio pode a princípio
ser instável mas continua-se a
subir.

Não faltam alturas a que alme-
jar, nem tão pouco telhados de
onde observar a cidade fundada
por Pedro de Valdivia.



Em 1541 era apenas terra entre os dois braços do Mapocho e a cidade que aí viria a erguer-se, fundada pela brutalidade conquistadora que viera dançando sobre as ondas do outro lado do mar, com dentes podres e ganância e aço a bordo, honrava um apóstolo.

Quanta violência em nome desses apóstolos, desses pequenos deuses sem importância.

De Nueva Extremadura baptizaram esse pedaço de terra entre os dois braços do rio, aí aninhado, destinado a crescer à custa de sofrimento.



A mulher-
pássaro empo-
leira-se no
edifício mais
alto da cida-
de. Vê para
além do néon,
para além do
aço e do ci-
mento, para
além do alca-
trão.

Vê através
dos corpos,
das máscaras
que os corpos
usam para que
ninguém os ve-
ja como real-
mente são.

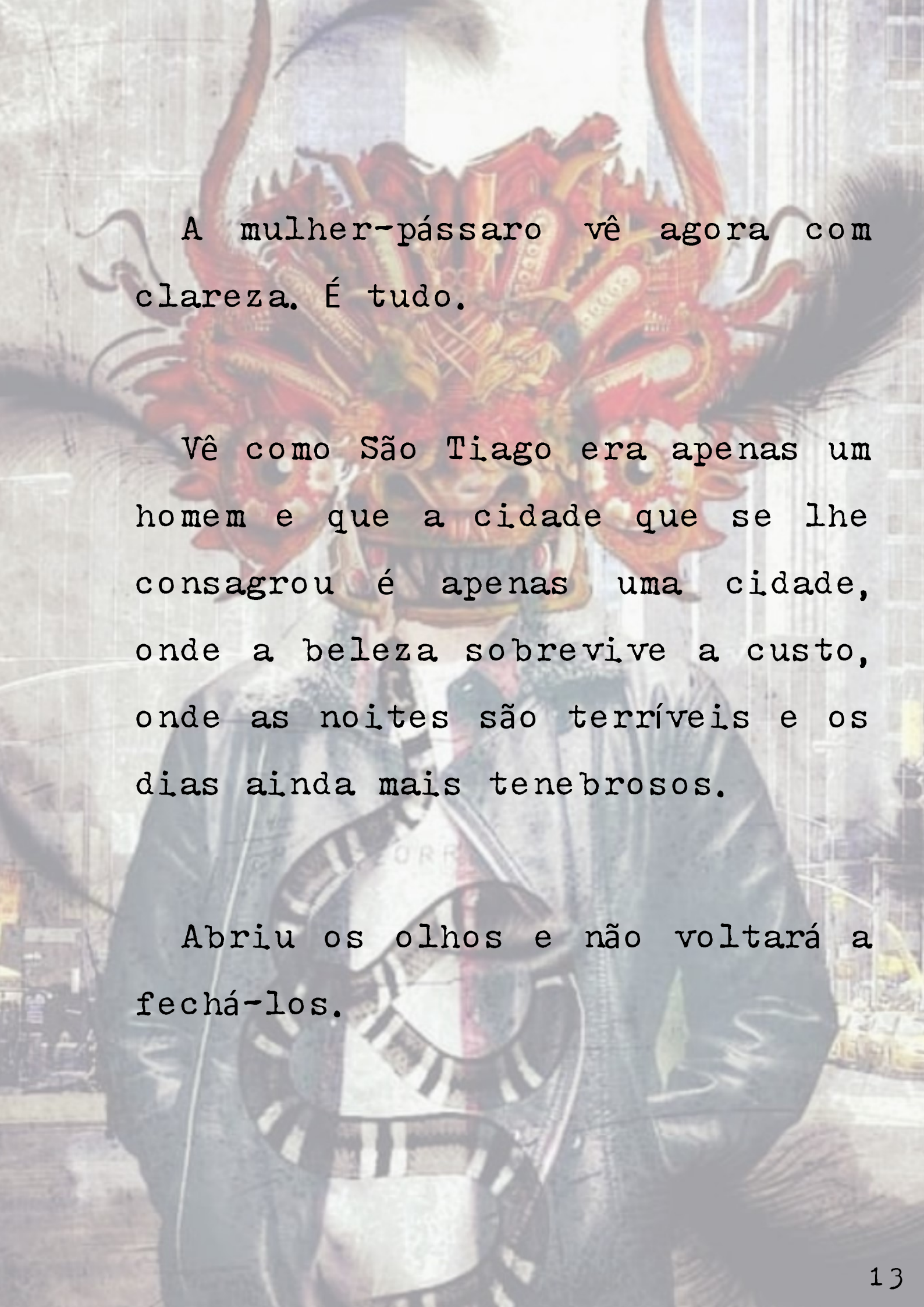




Vê a face verdadeira da cidade,
tão feia como todas as faces que
sentem necessidade de se ocultar.

Anima-a o fogo, as mil línguas
invisíveis que lhe marcam a pele.

É o fogo da justiça, diriam os
mais óbvios.



A mulher-pássaro vê agora com
clareza. É tudo.

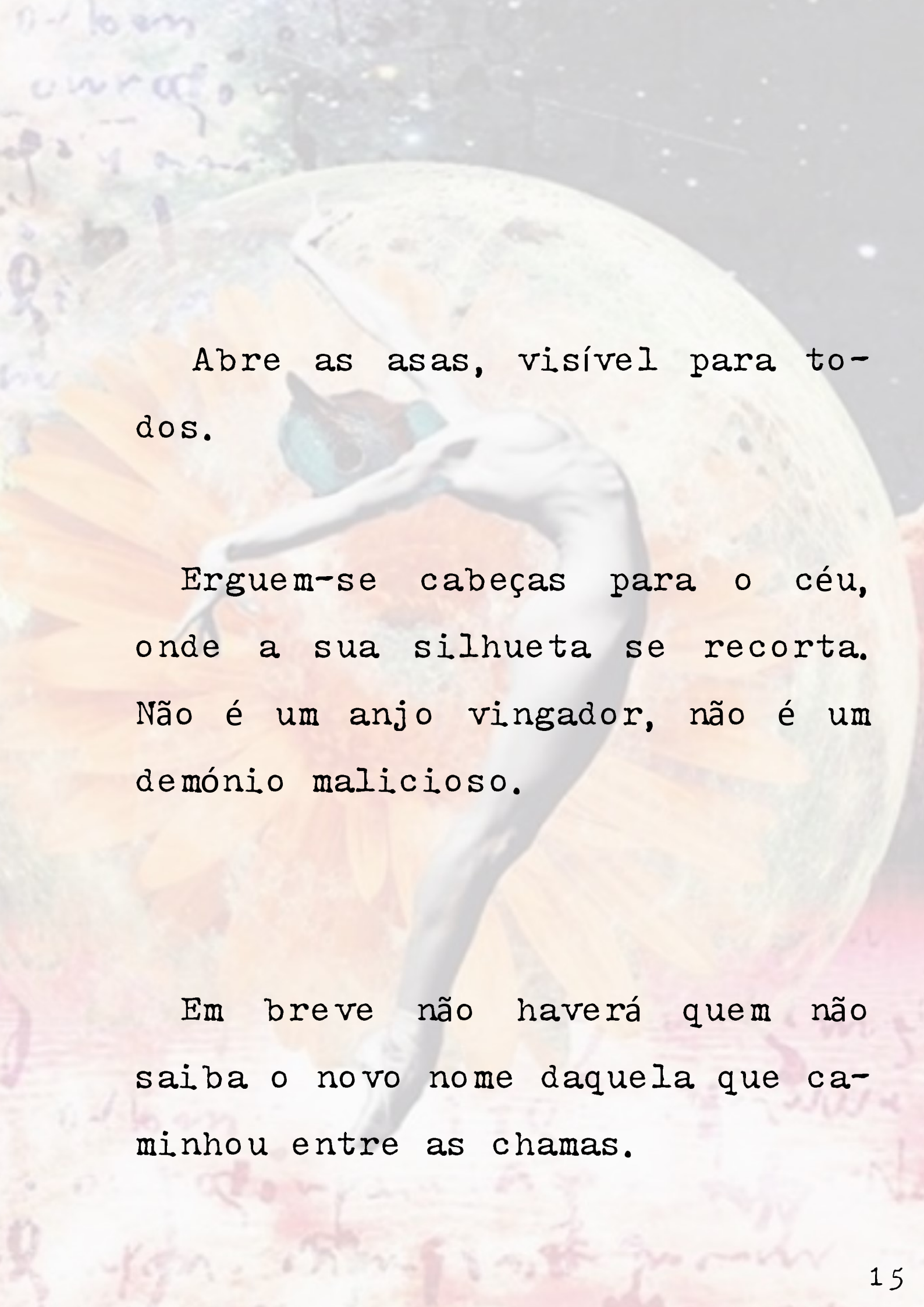
Vê como São Tiago era apenas um
homem e que a cidade que se lhe
consagrou é apenas uma cidade,
onde a beleza sobrevive a custo,
onde as noites são terríveis e os
dias ainda mais tenebrosos.

Abriu os olhos e não voltará a
fechá-los.

Ergue-se, magnífica na sua plumagem, nua e sem máscaras. Tem agora um novo nome, uma nova língua com que nomear aquilo que vê.



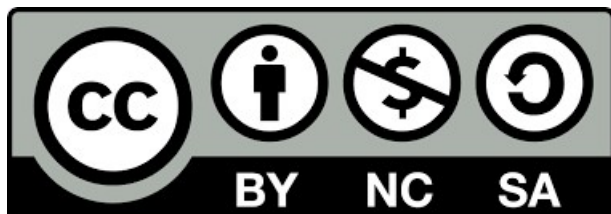
Tem consigo a memória do fogo, antiga e terrível como essas chamas onde se pode renascer.



Abre as asas, visível para todos.

Erguem-se cabeças para o céu, onde a sua silhueta se recorta. Não é um anjo vingador, não é um demónio malicioso.

Em breve não haverá quem não saiba o novo nome daquela que caminhou entre as chamas.



Uma produção EVA CARTONERA

em parceria com a

ADAO - Associação de Desenvolvimento
de Artes e Ofícios

